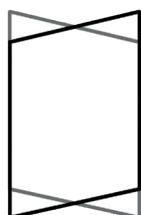


# MÍNIMOS DETALHES

viagens, contatos e contágios



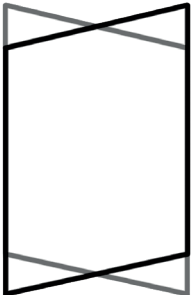
**Mínimos detalhes:  
viagens, contatos e contágios**

é parte integrante da tese “Espaço rompido”,  
de Guilherme E Silveira  
Programa de Arte e Cultura Visual da UFG  
Linha: Poéticas artísticas e processos de criação.  
Orientador: Prof. Dr. Edgar Silveira Franco

**Goiânia  
2022**

# sumário

- 1. MÍNIMOS DETALHES ..... 5
- 1.1. VIAGENS, CONTATOS E CONTÁGIOS ..... 5
- 1.2. PRIMEIRA E ÚLTIMA ..... 12
- REFERÊNCIAS ..... 20
- LISTA DE FIGURAS ..... 21





*Fig.1: Sketchbook onde surgiram os primeiros desenhos da "Mínimos detalhes", 2018.*

# 1. MÍNIMOS DETALHES

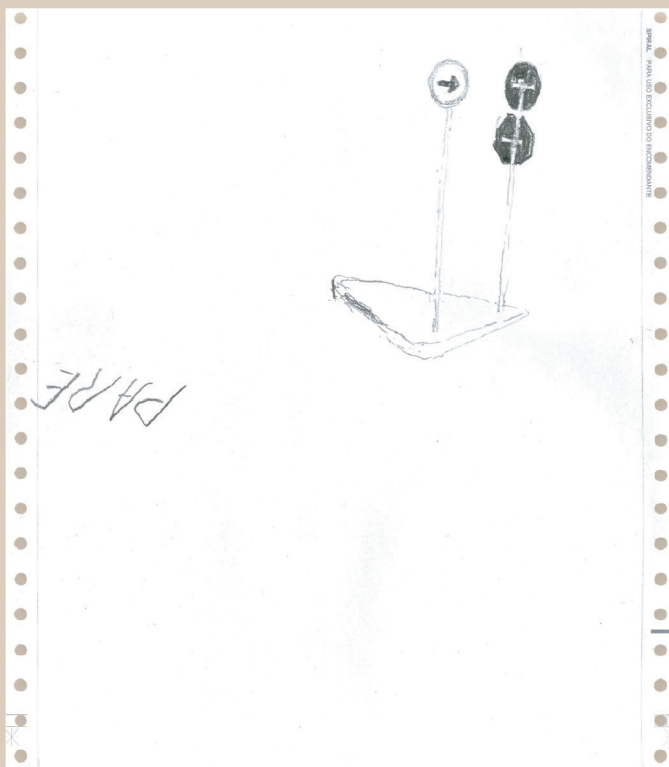
“Não desfizemos ainda suficientemente nosso eu. Substituir a anamnese pelo esquecimento, a interpretação pela experimentação.”  
(Deleuze & Guattari)

## 1.1. VIAGENS, CONTATOS E CONTÁGIOS

Esse é um livro de viagem. Um livro fruto de viagens. Em fevereiro de 2018 iniciei um período translado intenso. As disciplinas do doutorado iniciavam na UFG-Goiânia, enquanto eu ainda tinha que lecionar uma série de aulas no IFPR-Londrina, pois ainda não havia conseguido o afastamento completo. Assim foi o semestre, com cerca de 1900 km percorridos semanalmente. De ônibus, avião e, algumas raras vezes, de carro. Essas viagens geravam recorrentes momentos de espera monótona, seja nas 12h de viagem de ônibus ou nas esperas de uma, duas ou três horas nas conexões, era um tempo útil para tentar descansar, mas também para pensar nos debates e leituras ou observar o entorno.

Sempre desenhei muito em cadernos de anotação, sem preocupação em separar a escrita das imagens. Listas de mercado e anotações de aulas normalmente se misturam livremente com traços e manchas. Em algum momento dessas viagens passei a fazer desenhos rápidos com carvão, centralizados e isolados da vida mais corriqueira dos cadernos (Fig.1).

Esses desenhos ora eram observações de algum detalhe que encontrava nas esperas da viagem, ora eram pensamentos da mão, sem referência de qualquer objeto. Rápidos, eles parecem apresentar uma vontade de expansão, mas no fim, sempre se mantém contidos, um desenho que pende para uma certa linearidade, amante da linha contínua, do contorno, ainda que buscando alguma liberdade em manchas e gestos mais vivos. São desenhos de espera.



*Fig.2: "Paisagens próximas",  
2011. Danillo Villa.*

*Fig.3: "Fuck", 2016.  
Danillo Villa.*

Após terminar os desenhos, somava uma palavra ou frase curta ao lado das imagens. Aos poucos havia um grupo razoável dessas imagens e elas me agradavam, o desenho era simples e rápido, o texto era curto e aberto, havia um certo mistério ali, mas não havia muita conexão afora sua estrutura geral: um desenho mais uma palavra ou frase.

Perto do final do semestre, já com o afastamento total do IFPR, passei a morar em Goiânia, o que tranquilizou a rotina. Agrupei as imagens desse processo – formando um grupo de trinta desenhos – para pensar se poderia agrupá-los em uma publicação. Somente a estrutura formal não me parecia ser forte o bastante e eu não queria naquele momento publicar um livro de esboços soltos (*sketchbook*). Depois de pensar um pouco, achei que seria interessante uma parceria. Logo pensei em um artista amigo de Londrina, Danillo Villa. Além de um desenho silencioso e gestual – “Paisagens próximas” (Fig.2), 2011 – ele recorre às palavras em algumas de suas obras, como em “Fuck” (Fig.3), de 2016, sempre com grande sensibilidade e uma certa economia de detalhes que poderia funcionar em diálogo com esses meus desenhos.

Entrei em contato propondo uma parceria em que eu colocasse os desenhos ocupando as páginas ímpares e ele trabalharia nas páginas pares; ele prontamente aceitou e propôs não olhar as imagens para escrever. Ele já havia visto uma ou outra delas em postagens nas redes sociais, compreendia o “tom” delas, então optou por não as ver uma a uma para não transformar sua contribuição em uma ilustração das imagens iniciais.



A proposta era que ele explorasse livremente sua escrita, eu imaginava que ele traria textos curtos, mas no lugar disso apresentou não um texto, mas um arranjo de trinta palavras ajustadas em linhas e colunas em uma página (Fig.4). As palavras eram potentes e de alguma maneira dialogavam entre si, ainda que não formassem uma narrativa ou mesmo que seguissem um tema muito aparente, o que me empolgou para ver como funcionariam ao lado das imagens. O Danillo aceitou que eu escrevesse com carvão as palavras na mesma ordem que ele apresentou. Em seguida separei todas as palavras, distribuindo-as nas trinta páginas pares e mantendo a sua posição na página em relação ao arranjo inicial.

O resultado desse jogo foi um forte diálogo entre as minhas imagens textos e as palavras de Danillo. A economia de recursos pareceu intensificar a carga simbólica de cada gesto e palavra. Algumas das palavras alteraram completamente o sentido da imagem, invertendo ou se opondo a ela. Em outros momentos, houve uma soma, uma ampliação. Duas ações isoladas que ao serem colocadas lado a lado se entrelaçaram e alteraram mutuamente.

Pedi que Danillo escrevesse um pouco sobre o processo e ele apontou algumas das fontes afetivas que buscou em sua produção:

Mínimos detalhes - Acho que tenho um problema inato com medidas, limites. O convite do Guilherme me empolgou, como uma chance de sair do meu fluxo de vida, minha rotina, criando um recorte para um pequeno livro, acompanhando os escritos e desenhos do próprio Guilherme. Saber que o convite vem de alguém que dedica tanto tempo a compartilhar vontades de arte ajudou muito. Empenhei-me para encontrar palavras ou sentenças que apontassem no mundo o pouco, o mínimo, meio iluminado por Estela do Patrocínio e Orides Fontela. Alguns pequenos sentimentos de derrota, notados nos escritos/desenhos de Guilherme, me fizeram pensar em um sujeito reduzido a nada e que por isso se torna um outro, livre de si mesmo. Tempo e finitude, solidão, inevitabilidade e infortúnio. Poderia ser mais real? Acho que não... (Danillo Villa, troca de mensagens em 12 de agosto de 2019)

NÃO

<del>RI DÍCULO</del>	<del>TÍTICA</del>	TESTÍCULO
<del>PEQUENO</del>	VENENO	PECADO
<del>FORTO</del>	<del>FONTO</del>	TROCO
<del>MÍNIMO</del>	<del>ALMILHO</del>	MENINA
<del>IMPURO</del>	CAPURRO	ESPORRO
<del>LAGO</del>	<del>LARGUE</del>	LAÍGRIMAS
<del>FARCTE</del>	<del>TOPETE</del>	TROPECE
<del>ESPELHO</del>	<del>ESPECTO</del>	ESCOLHO
SUBI NO	ÔNIBUS	
<del>ESPERO</del>	<del>ESCURO</del>	ESCAPO

Fig.4: Conjunto de palavras propostas por Danillo Villa para a "Mínimos detalhes", 2018.



*Fig.5: "Mínimos  
detalhes", 2018. Página.*

Essa parceria deu vida para uma produção que começou sem saber que estava começando, pouco implicada ou consciente de si. A produção da monotonia acaba revelando algo, como apontou Danilo, de cansaço e derrota, essas pequenas derrotas cotidianas. A junção com as novas palavras, para além de uma simples relação texto-imagem comunicativa, essa nova estrutura passou a dar sentido de conjunto à publicação. A série de fragmentos resultantes criou um fluxo de leitura que permite acompanhar as pequenas pílulas verbo-visuais, silenciosas e contemplativas; e esse fluxo é reforçado pela sutil descida das palavras página após página. A estrutura do livro ajuda a tecer relações entre os elementos “soltos” nas páginas, sem que o leitor saiba, a princípio, que esses elementos são unidos à deriva, a tendência é que se leia buscando ligações entre eles.

Quando em uma página (Fig.5), um desenho marca o papel como uma pequena abertura, como certa força gestual ao lado da frase “pra te conhecer”, alguns sentidos são levantados para criar a ponte entre palavra e imagem. Seja o movimento ou a abertura, rasgo, a procura está implícita. Mas na publicação essa imagem e frase vem à direita, páginas ímpares, e à sua esquerda a antecede a palavra, “impuro”. As relações passam a ser outras, um delicado tom erótico ou profano pode ser inferido e, ao que me parece, nessa amplitude de figuras possíveis, algo de violento se faz implícito. Uma procura que pode virar perseguição. Em sentido inverso, olhando primeiro para a vida isolada da palavra: “impuro”, quem sabe uma confissão – confissão íntima, religiosa, moral? Vítima ou réu? – pode passar a representar uma voz de ação. Uma espera culposa? Uma ação imoral? O enxame de sentidos é amplo e com certeza não os mesmos de antes das aproximações desses elementos, esse processo me encanta. A junção das páginas no livro cria pequenos arquipélagos de sentido.

## 1.2. PRIMEIRA E ÚLTIMA

“Tempo lento,  
 Espaço rápido,  
 Quanto mais penso, menos capto.  
 Se não pego isso  
 Que me passa no íntimo, importa muito?  
 Rapto o ritmo.  
 Espaço tempo ávido,  
 lento espaço dentro,  
 quando me aproximo,  
 simplesmente me desfaço,  
 apenas o mínimo  
 Em matéria de máximo.”  
 (“o mínimo do máximo”, Paulo Leminski)

Em setembro de 2018, “Mínimos detalhes” estava pronta, escaneada e montada, pronta para a impressão. Cerca de dez exemplares foram feitos artesanalmente para testar o formato da publicação. A edição tem o mesmo tamanho e tipo de encadernação que depois teria a HQ “E Dai?”: 10x14cm com costura japonesa, impressa em papel polén 90g. Sua capa, feita em papelão com impressão de uma escada produzida em linoleogravura. Apesar de ter sido a primeira publicação a ficar pronta desde que iniciei a investigação dessa tese, foi a última a ser inserida nela – assim como é a única que ainda se mantém inédita para o público em geral .

Ainda no início do processo, acreditei que a edição final estava muito afastada do escopo da tese: boa parte de seu conteúdo é figurativo e abandona os códigos estruturais dos quadrinhos. Entre todos aqueles elementos que fazem uma pintura, por exemplo, ser considerada vinculada aos quadrinhos – personagens, quadros, sequencialidade, balões, onomatopeias e sua tipografia convencional, entre outros elementos gráficos – nenhum desses estava presente em “Mínimos detalhes”. No momento, esses elementos ainda me pareciam importantes de estarem ali e a publicação é formada por imagens e palavras soltas que implicam mesmo em uma tensão de leitura que une elementos sem conexão *a priori*.



*Fig.6: Processos de montagem de  
"Mínimos detalhes", 2018.*



*Fig.7: "Mínimos  
detalhes", 2018.*

Enquanto escrevia sobre os outros trabalhos dessa investigação e sobre a presença da abstração nos quadrinhos em seus desdobramentos múltiplos, consegui visualizar com mais clareza o espectro amplo e liberto dos trabalhos que vinha propondo. Em nenhum momento eu barrei algo em meu processo, no sentido de restringir as entradas e rotas. Atravessei linguagens, gêneros, formatos e obras diversas. O percurso que trilhei foi o de uma proposta radicante, que desenhou um mapa em espaço aberto e procurou formar uma “constelação-abstração”.

Foi, assim, pelo contato com as reflexões mais conceituais, como no trabalho de articulação de saberes que é comum à pesquisa que encontrei o lugar de “Mínimos detalhes”. Entendi aos poucos que esse trabalho fazia parte da constelação que eu vinha costurando. Os campos teóricos apontaram para o meu fazer e para os conceitos com os quais vinha refletindo e formando.

É nessa borda, entre procedimentos diversos transpassados por significações em formação e deslocamentos, que se instaura a pesquisa. A palavra teoria deve ser entendida, nesse caso, muito mais como um campo de conhecimento específico e interdisciplinar do que como um aparato teórico estanque, aplicável como norma ou verdade inquestionável. (REY, 2002, p.126)

Nesse processo, a noção de abstração foi se ampliando para uma postura experimental de ruptura, de oposição à transparência pragmática da nossa linguagem, cultura e relações em geral. Aqui, nesse lugar movediço e mutável, “Mínimos detalhes” também estava encampada.

A noção de campo expandido vem contaminando aos poucos o pensamento e a prática das histórias em quadrinhos. Como exemplo, em 2005 a revista “Art Press” na França, dedica uma edição especial aos quadrinhos, mas não à linguagem das HQs em geral, a chamada da edição é “Bandes D’auters: les territoires explorés en toute liberté par la bande dessinée contemporaine” (“Quadrinhos de

autor: os territórios explorados em total liberdade pelas histórias em quadrinhos contemporâneas”). Os artigos exploram várias entradas da produção contemporânea: as mudanças dos quadrinhos franco-belgas e americanos a partir dos anos 1990; o crescimento das narrativas mudas; censura; zines; materialidade e outros. É recorrente na edição comentários sobre a proximidade com as artes contemporâneas e o afastamento das especificidades, apontando para uma tendência de não-pertencimento crescente por parte da produção pós-90. Em seu texto sobre os quadrinhos franco-belga e suas vizinhanças – como as revistas *Boxer* (Alemanha) e *Strappazin* (Suíça) – Évariste Blanchet destaca a mestiçagem, a reciclagem e a experimentação cada vez mais intensas, com destaque para uma nova relação com a materialidade:

Como resultado, ele (o quadrinho) se abstém de participar tanto da reciclagem quanto dos jogos com códigos, rejeita a narração tradicional e prejudica a sacrossanta legibilidade gráfica. Efeitos de interferência minam a compreensão, a interpretação torna-se plural. A hierarquia entre personagens e cenários é quebrada: agora, indivíduos e objetos são iguais e não mais se destacam uns dos outros com tanta clareza. O material tem precedência sobre o desenho, sem, contudo jogar a cartada da abstração. (BLANCHET, 2005, p.18. Trad. minha)

Essas características apontadas são mais e mais visíveis no trabalho de diversos autores. Blanchet, em 2005, já visualizava o movimento de “opacificação” das HQs, que impulsionará os quadrinhos poéticos, abstratos, conceituais e que recorrentemente atravessam meus trabalhos. Essa tendência aponta para uma abertura de campo que irá gerar em 2020 os debates sobre o conceito de pós-quadrinhos (CONARD, 2020). Legibilidade gráfica e narrativa tradicional (transparências) saem de foco e dão lugar para ruídos opacos, para uma neblina entre sujeito e objeto, e para presença matéria. Entendo que aqui, Blanchet ainda se referia a atenção da materialidade gráfica, a garatuja, a mancha, o erro mecânico da prensa; mas posteriormente, a própria produção de HQs deixa clara

a preocupação cada vez mais recorrente com a materialidade física do livro ou mesmo, em consequência, dos outros novos suportes – alguns autores que exploram diferentes suportes são Stephanie Leinhos e Lucas Gehre, com pôsteres e sanfonados; Edgar Franco, com as HQtrônicas; Gazy Andraus, HQs filmadas e performances quadrinhísticas; Um Faulduo, com apropriações e performances; Grazi Fonseca e Pedro Franz, com diferentes formatos e funções do códice, flip books, páginas soltas, quadrinhos de exposição e outros.

Entendo, com Sebastien Conard (2020) e o pós-quadrinhos, que o não-pertencimento pode ser tão grande que algumas obras só passam a se relacionar mais com um ou outro campo por conta dos locais de circulação do autor e da obra do que por aspectos formais.

Esse olhar um pouco mais afastado da minha parte sobre o trabalho de 2018, com o processo de reflexão e as articulações teóricas e conceituais de todo o processo de instauração e produção dos trabalhos já avançados, de 2018 a 2021, é que permitiu que eu compreendesse “Mínimos detalhes” não como algo separado da investigação, mas sim como um adiantamento intuitivo do desejo radicante. A intuição guiou um processo de ideias e esboços que mostravam potencial unidade, mas necessitavam de operações conceituais para dar fluxo a essa unidade. De alguma maneira, é uma operação estético-editorial – iluminada por uma parceria que ampliou a potência das conexões com a sua proposta e escolha das palavras –, de trabalhar uma poética sobre o funcionamento do próprio livro e de sua leitura.

Bem, é quadrinhístico em que sentido? Tem de ser quadrinhístico em algum sentido? Quais problematizações brotam desse processo? Entendo que , o amálgama que une uma HQ é também o pôr em relação. Simples assim, o pensamento quadrinhístico é um pensamento que põe em relação – o que por sua vez cria embates, desperta sobrevivências. É um aspecto potentes da HQ, mas que muitas vezes é pouco explorado por conta do caráter narrativo da maior parte das abordagens de investigação

dos quadrinhos. A solidariedade icônica, de que fala Groensteen, é também uma solidariedade gráfica, ampla, uma solidariedade topográfica, que põe em relação qualquer elemento, não justaposto, mas disposto no suporte, incluindo o próprio suporte em sua estrutura ou dimensão tátil.


A história em quadrinhos seria a arte da passagem, a máquina de transporte entre a profundidade e a superfície, e transformadora do visível e do dizível. (...) Tudo isso é feito apenas de passagens, trocas e mestiçagens que os puristas, sempre sedentários e obcecados pela “especificidade”, nada entendem! (STERCKX, 2005, p.110-111. Trad. minha)

“Mínimos detalhes” é uma obra feita de passagem, a sua matéria é a ponte, a conjunção entre duplas de páginas e seus elementos, que podem deixar rastros o bastante para ressoar dentro do seu todo. Um amálgama entre publicação de artista e quadrinhos que quebra a hierarquia entre palavras e imagens e se indispõe com a legibilidade transparente. Um processo de acaso que abraça a força ambígua – ao que me parece, maior riqueza da linguagem.

Essa publicação é início e fim do processo criativo que produziu essa investigação, que não tem um ponto de partida fixo e nem mirou chegada alguma, mas que buscou as pequenas brechas no caminho, os campos férteis e as nascentes.

Acima de tudo, “Mínimos detalhes” aponta para a ironia que é o próprio não dizer da linguagem e o faz com o que considero a mais apaixonante operação dos quadrinhos: o criar contatos. Nesse caso, um pôr em relação afetivo, em uma parceria encantadora com Danillo Villa, que me lembra de um mundo ainda um pouco menos assustador e pesado, pré-pandêmico. Absurdo em muitos sentidos, mas ainda um pouco menos mal-humorado, aberto ao jogo lúdico, irônico e solidário.

Que ótimo retorno.



MÍNIMOS  
DETALHES

*Fig.8: Processos de montagem de "Minimos detalhes", 2018.*

## REFERÊNCIAS

BLANCHET, Évariste. Le fabuleux destin de la bande dessinée en France depuis 1990. in: Art Press spécial: Bande D'auteurs. n.26, Paris, 2005. p.12-19

CONARD, Sébastien. Post\*\*comics: a certain point in time.in: CONERD, S.(org.). Post-comics: Beyond comics, illustration and graphic novel. Ghent: KASK School of Arts & Het Balanseer, 2020. p. 07-14

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: Blanca Brites; Élide Tessler. (Org.). O Meio como ponto zero: Metodologia da Pesquisa em Artes Visuais. Porto Alegre: UFRGS, 2002, p.123-140.

STERCKX, Pierre. Bédé et art contemporain, passarelles. in: Art Press spécial: Bande D'auteurs. n.26, Paris, 2005. p.108-115.

## LISTA DE FIGURAS

Fig.1: Sketchbook onde surgiram os primeiros desenhos da “Mínimos detalhes”, 2018.

Fig.2: “Paisagens próximas”, 2011. Danillo Villa. VILLA, Danilo. Paisagens próximas: o desenho e a dúvida sobre onde as coisas estão. Tese. São Paulo: USP, 2012.

Fig.3: “Fuck”, 2016. Danillo Villa. <https://freethoughtblogs.com/affinity/2017/09/13/movimento-brasil-livre-shuts-down-queer-art-exhibit/>

Fig.4: Conjunto de palavras propostas por Danillo Villa para a “Mínimos detalhes”, 2018. Arquivo pessoal.

Fig.5: “Mínimos detalhes”, 2018. Página. Arquivo pessoal.

Fig.6: Processos de montagem de “Mínimos detalhes”, 2018. Arquivo pessoal.

Fig.7: “Mínimos detalhes”, 2018. Arquivo pessoal.

Fig.8: Processos de montagem de “Mínimos detalhes”, 2018. Arquivo pessoal.







